

## Texto e construção de um posicionamento crítico: o caso das recensões críticas

Matilde Gonçalves & Rute Rosa

Com a unidade curricular Práticas Textuais, integrada na licenciatura em Ciências da Linguagem, lecionada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, propõe-se uma abordagem da língua tal como funciona e circula em sociedade, em particular no contexto científico e académico, visando-se, simultaneamente, a promoção das capacidades de leitura e de escrita de textos científicos e académicos, com vista a desempenhos de qualidade, de acordo com os seguintes objetivos:

- reconhecer a especificidade das práticas textuais em função do tipo de atividade em que se inserem;
- usar recursos metacognitivos suscetíveis de facilitarem as tarefas de leitura e de produção textual;
- manipular mecanismos linguísticos responsáveis pela organização textual e pela marcação das responsabilidades enunciativas;
- distinguir as atividades de paráfrase, resumo e comentário;
- integrar adequadamente as atividades de paráfrase, resumo e comentário em textos de géneros diferentes;
- dominar, em termos de reconhecimento e de produção, regularidades relativas a diferentes géneros da atividade académica.

Para alcançar os objetivos traçados, as aulas assumem, metodologicamente, um carácter teórico e prático, com uma clara predominância da vertente prática, recorrendo igualmente a exposição, demonstração, discussão conjunta, bem como a reflexão sobre os temas e conteúdos abordados. Privilegia-se, concomitantemente, a aplicação prática da teoria, pela interação e pela participação ativa dos alunos individualmente e em grupo.

Para além das relações entre atividades, géneros e textos específicos da atividade científica e académica, abordam-se, igualmente, os mecanismos linguísticos e textuais responsáveis pela organização macrotextual, a marcação de responsabilidades enunciativas, bem como as tarefas de paráfrase, de resumo e de comentário. Para esses conteúdos, assumiu-se uma abordagem diferenciada em função de géneros textuais específicos, a saber como um mesmo mecanismo funciona conforme o género textual no qual é convocado.

No que toca às atividades desenvolvidas ao longo da UC Práticas Textuais 18|19, estas incidiram especificamente sobre a recensão crítica (relembremos que em 2018|2019 o trabalho visou o artigo científico). A escolha do género recensão crítica prende-se, por um lado, com a possibilidade exercitar as capacidades de: 1) discernir o que é relevante para o trabalho em causa; 2) resumir (tendo em causa o que é pertinente e descartando o que é interessante); 3) apropriar-(se) do conhecimento (científico); 4) desenvolver um ponto de vista crítico e consciente. Este último tópico constitui um dos aspetos mais desafiantes, tendo em conta a ideia comum de que a escrita académica requer objetividade e que esta inúmeras vezes é confundida com neutralidade (Boch & Frier (ed.) 2015: 214). Deste modo, para além do que foi referido anteriormente, deu-se primazia aos mecanismos linguísticos que semiotizam a construção de um ponto de vista objetivo, mas não neutro, ou seja, não há ausência da tomada de posição por parte do produtor. Na esteira dos trabalhos de Boch & Frier (ed.) (2015: 214), assume-se que na escrita científica há, simultaneamente, um “apagamento simbólico do eu”, no caso da objetividade, e uma “construção simbólica do eu” na tomada de posição, na construção de um ponto de vista individual e individualizado. Uma abordagem dos mecanismos enunciativos e de responsabilidade enunciativa na escrita científica auxilia quer a tomada de consciência dessa construção do eu, quer da sua construção efetiva.

Ainda na continuidade do que foi exposto anteriormente sobre a construção de um ponto de vista, importa realçar a importância que reverte ter um conhecimento mais amplo sobre a temática a ser recenseada. Assim, para promover um posicionamento crítico – encarando o crítico, não como uma valoração necessariamente negativa, mas fundamentada – o trabalho das discentes foi sustentado pelo acesso a diversos autores (e pontos de vista) sobre a mesma temática do texto a ser recenseado, convidando-as, deste modo, a terem conhecimento da comparação e pela confrontação sobre um mesmo aspeto. Posicionamento pelo facto de comparar e confrontar diversos autores (e pontos de vista) sobre uma mesma temática – a do texto. Para além do texto sobre o qual incidiu a recensão crítica, constitui-se um conjunto de textos científicos que incidissem sobre a mesma temática, e que se apresentam a seguir:

#### **Texto a ser recenseado**

Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* (pp. 71-81). São Paulo: Parábola.

#### **Textos de apoio**

Azeredo, J. C. de (2008). *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (p. 476). São Paulo: Publifolha.

Charaudeau, P. & Maingueneau, D. (2006) *Dicionário de Análise do Discurso* (pp. 466-468). São Paulo: Editora Contexto.

Mendes, A. (2008) Organização textual e articulação de orações. In Raposo et al. *Gramática do Português* (pp. 1691-1694). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

### **Outros textos** (referenciados em Marcuschi, 2008)

Bakhtin, M. ([1979] 1992). Os gêneros de discurso. In M. Bakhtin, *Estética da criação verbal* (pp. 277-326). São Paulo: Martins Fontes.

Beaugrande, R. de (1997). *New foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood: Ablex.

Beaugrande, R. de & Dressler, W. (1981). *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman.

Chomsky, N. ([1965] 1975). *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado Editora.

Chomsky, N. ([1986] 1994). *O conhecimento da língua. Sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Editorial Caminho.

Saussure, F. de ([1916] 1974). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.

Apresentam-se, seguidamente, alguns traços característicos da resenha, a nível do texto e do género. Foram esses traços que pautaram o trabalho de observação das práticas de escrita de resenhas, bem como a produção das mesmas.

### **Marcas genológicas da resenha crítica**

Embora o género resenha crítica seja mobilizado em diferentes quadros sociais, os contextos académico-científico e escolar são os mais usuais, nos quais a resenha é objeto de investigação, instrumento de trabalho, bem como ferramenta de ensino-aprendizagem, dado que possibilita o desenvolvimento de competências argumentativas, de expressão linguística de pontos de vista e valorações, de síntese e de reformulação.

Nas últimas décadas, a partir de múltiplas perspetivas e quadros teóricos, têm sido realizados vários estudos nacionais e estrangeiros que evidenciam algumas das marcas genológicas da resenha crítica, como, por exemplo, Machado (2005), Barros e Nascimento (2008), Vian Jr. e Ikeda (2009), Motta-Roth e Hendges (2010), Ruiz e Faria (2012), Rosa (2015), Silva *et al.* (2015) e Jorge *et al.* (2018).

A resenha crítica, independentemente do contexto em que o gênero é mobilizado, visa apresentar uma apreciação crítica sobre um objeto, podendo este ser concreto, no caso dos textos, ou abstrato, como, por exemplo, se o objeto de resenha for uma experiência (Rosa, 2015; Jorge *et al.*, 2018). Além disso, a identidade genérica dos textos é invariavelmente explicitada pela etiqueta resenha crítica – marcador de gênero autorreferencial (Miranda, 2010).

Quando o objeto de resenha é um texto empírico, a resenha crítica dá a ver um confronto de perspectivas: a perspectiva do autor do texto resenhado, a perspectiva de outros autores que tenham tratado o tema do texto objeto da resenha e a perspectiva e as avaliações do autor da resenha (Rosa, 2015). Com estas últimas, o autor assume ou “chama para si o papel de especialista (autoridade) frente ao leitor que, por sua vez, se constitui como membro (aspirante ou especialista) de uma comunidade acadêmica” (Motta-Roth & Hendges, 2010: 36). Para além da presença do nome do autor da resenha, ocorrem, por vezes, outros elementos que procuram legitimar o papel de especialista que se assume, como, exemplo, uma nota biográfica. Na resenha crítica, as avaliações e pontos de vista do autor podem ser mais ou menos linguisticamente explicitados, sendo expressos através unidades e estruturas linguísticas que evidenciam diferentes níveis de implicação, como, por exemplo, formas verbais e pronomes na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular ou do plural, adjetivação, frases não declarativas e modalizações apreciativas (Rosa, 2015).

Com a perspectiva do autor da resenha cruzam-se as outras perspectivas convocadas, estabelecendo-se, assim, múltiplas relações intertextuais, o que se concretiza nos textos pela presença de citações, alusões, paráfrases, entre outros (Ruiz & Faria, 2012; Jorge *et al.*, 2018).

Em termos composicionais, o conteúdo temático da resenha crítica é sequencialmente organizado, segundo a ordem retórica introdução, desenvolvimento e conclusão (Rosa, 2015), predominando sequências descritivas que orientam o leitor nos conteúdos tematizados

nos textos recenseados, obedecendo à sua ordem de ocorrência nos mesmos (Motta-Roth, 2002). A introdução é dedicada à apresentação e contextualização do texto recenseado na área científica e/ou na obra do autor; o desenvolvimento contempla a descrição do texto recenseado, relacionando o texto ou partes deste (capítulos ou subcapítulos) com outras obras e realçando os aspetos/partes mais relevantes; na conclusão, faz-se uma apreciação global do texto recenseado, sublinhando os aspetos que se destacaram pela positiva ou pela negativa e recomendando ou não o texto objeto de resenha. Estas três etapas, introdução, desenvolvimento e conclusão, correspondem, assim, a quatro movimentos retóricos: movimento 1 (apresentação e avaliação inicial); movimento 2 (descrição); movimento 3 (avaliação de partes); movimento 4 (avaliação final) (Motta-Roth, 2002).

Em última instância, pela leitura dos diversos trabalhos poderá verificar-se que não há necessariamente coincidência entre os diversos trabalhos, quer pela forma como o texto fonte foi recenseado, quer pelas próprias avaliações levadas a cabo pelas discentes. Essas divergências evidenciam que os posicionamentos não são forçosamente consensuais, nem fixos, nem rígidos. Neste sentido, o que faz o avanço do conhecimento é a multiplicidade de pontos de vista, bem como a sua discussão, criando, deste modo, uma visão assumidamente ampla e abrangente, não unificada, nem dogmática.

Assumem-se estas divergências como úteis e necessárias para a construção de um ponto de vista crítico específico e único de cada pessoa que se posiciona face a outro texto, face a outra perspetiva. É, portanto, nessa diferença que a pessoa se torna singular, entrando na grande corrente dialógica das práticas de escrita académico-científica e, que, simultaneamente, se constrói e se assume como (futuro) cientista e académico.

### Referências bibliográficas:

Barros, E. M. D. & Nascimento, E. L. (2008). O ato de resenhar na e para a academia. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 11, n. 1, 33-57.

Boch, F. & Frier, C. (Ed.) (2015). *Écrire dans l'enseignement supérieur. Des apports de la recherche aux outils pédagogiques*. Grenoble: Éditions littéraires et linguistiques de l'université de Grenoble (ELLUG), collection Didaskein.

Jorge, N., Gonçalves, M., Fidalgo, M. & Rosa, R. (2018, setembro). *Contributos para a descrição do género resenha crítica*. Comunicação apresentada no XXXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Universidade Aberta, Palácio Ceia, Lisboa, Portugal.

Machado, A. (2005). A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In J. L. Meurer; A. Bonini & D. Motta-Roth (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates* (pp. 237-259). São Paulo: Parábola.

Motta-Roth, D. (2002). A construção social do gênero resenha acadêmica. In D. Motta-Roth & J.L. Meurer. (Orgs.) *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem* (pp. 77-116). Bauru, SP: EDUSC.

Motta-Roth, D. & Hendges, G. (2010). *Produção textual na Universidade*. São Paulo: Parábola.

Rosa, R. (2015). *Proposta Interacionista para a Prática de Revisão de Texto: o padrão discursivo dos textos académicos*. Dissertação de Mestrado em Consultoria e Revisão Linguística. Universidade NOVA de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/15754>

Ruiz, E. & Faria, M. (2012). La intertextualidad en el género reseña. *Linguagem em (Dis)curso*, 12(1), 99-128.

Silva, F., Leal, A., Silvano, P., Oliveira, F. & Ferreira I. (2015). Marcas linguísticas da apreciação crítica. *Literatura e Gramática: um diálogo*

*infinito*. Lisboa: Atas do 11º Encontro Nacional da Associação Professores de Português. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/80614>

Vian Jr., O. & Ikeda, S. N. (2009). O ensino do gênero resenha pela abordagem sistêmico-funcional na formação de professores. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.12, n.1, 13-32.